

O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSÁVEL — GUALDINO VALLADARES

1.º ANNO

DOMINGO 25 DE NOVEMBRO DE 1866

NUMERO 70

INTERIOR

BRAGA

Aproxima-se a abertura do parlamento.

Deve ser uma sessão legislativa curiosa e interessante. Não acreditamos que d'ella se colham grandes resultados para o paiz, porque também não acreditamos n'essas grandes reformas, em que os amigos do governo nos andam a falar todos os dias.

O sr. ministro do reino que é aquelle de quem se esperam mais trabalhos, poderá apresentar volumosos projectos, que provem o seu amor ao estudo e a sua perleção a ser tido como um sabio, mas cremos que nada fará que possa tornar-se exequível, por que é este o cunho das suas produções.

Mas, é certo que se os representantes do povo quizerem cumprir com o seu dever, se quizerem tomar estricções contas ao governo pelos seus actos no intervalo da sessão, a epocha parlamentar que se vai abrir deve ser uma das mais interessantes na nossa historia constitucional. O celebre campo de Tanços, que tantas despesas custou ao paiz, deve ser um dos assumptos mais graves dos debates parlamentares.

Os desperdícios do sr. Fontes, que, para satisfazer a sua vaidade, não duvida sacrificar o povo, e collocar o thesouro cada vez em mais graves circumstancias, não podem deixar de receber a censura que merecem. E' necessario por cobro a estas demastias, que, quando continuadas, nos podem precipitar no abismo.

O governo parece que já presente a sorte que o espera. Ha quem affiance que ainda antes da abertura do parlamento se retirarão alguns dos ministros, que conhecem o quanto deve ser séria a sua posição, em face do parlamento.

É a sorte dos governos fracos que nada fazem, ou que só servem para comprometter a sorte do paiz.

O ministerio não tem a confiança publica, e quando esta falta aos governos a sua conservação é impossivel.

No *Diario de Lisboa* de 5 do corrente foi publicada uma portaria do Mi-

nisterio do Reino, ordenando ao governo civil d'este districto que informe, se os administradores, seus subordinados, não cumprido os seus deveres no tocante ao recrutamento, e bem assim quelem sido ommissos ou relaxados n'esse ponto para serem demittidos.

O sr. Martens Ferrão, reputado homem serio e grave, de certo não confiaria ás columnas da folha official aindada portaria, se não estivesse firmemente deliberado a punir com a demissão os administradores negligentes acerca de aquelle ramo importante de serviço publico.

Mas chegará algum dia ao seu poder o conhecimento exacto dos factos? A informação superiormente exigida ao governador civil d'este districto será a caso prestada? E quando o seja, poderá o governo confiar na sinceridade de tal documento?

O tempo se encarregará de responder a estas interrogações.

Desde já, porém, podemos asseverar que, se a portaria for rigorosamente cumprida, não permanecerá no seu lugar nenhum dos administradores dos concelhos do districto de Braga, porque não ha um só que, a similitude do sr. Visconde de Pindella, não tenha convertido em instrumento eleitoral as leis do recrutamento.

Vejam, por exemplo, o que se passa em Villa Nova de Famalicão.

Tocou a este concelho em 1864 o contingente de 26 recrutados, das quaes deve ainda 18! Foi de 24 o contingente de 1865, e está em divida de 24! Quer dizer, que, graças ao zelo do administrador do concelho, não houve um só recrutado pertencente ao contingente do ultimo anno!! O mesmo succede nos outros concelhos do districto, ou na sua maioria.

Voltaremos ao assumpto.

Ao Bem Publico

Trovejas, enrouqueças, não comoveas, Gela a contricção nos seios d'alma.

Bociver.

Se ha jornal, que mereça pelo seu bradar desconcertado, aquelles bellos versos, que acima citamos, é certamente o *Bem Publico*, que deve ser

antes qualificado como calamidade publica. Não podemos, descer ao terreno eulodado, onde a folha da capital tem o habito de revolver-se nos seus exercicios de trunfo deslenguado, e ruim. No seu ultimo numero tivemos a dita de ser agredidos pelo *Bem Publico* d'um modo grosseiro e violento, que revela com a injusticia da accusação os maos instinctos do accusador.

Ha entidades não dignas de lastima, que as injurias, que vomitam, se convertem em louvores, que honram.

Nós deplorariamos, como um grande mal os encomios, que nos endereçamos e o *Bem Publico*. E lamentavel a aberração de um jornal, que esquecendo todas as regras da educação e do decoro, se entretém a fazer insinuações, e a individuar pessoas. Que importa ao *Bem Publico*, que haja aqui conegos e professores, que escrevam? que direito tem para entrar em especificações tão inopportunas, como descortezes, quando combatte artigos, que não são assignados, e cuja responsabilidade pertence a esta redacção, em que não figuram os individuos, a que se refere?

O *Bem Publico* não tem outro direito senão o, que podem allegar os miseraveis sem dignidade, sem pundonor, e sem brio.

Discuta embora as doutrinas; não lh'o levamos a mal; mas não insulte as pessoas, nem faça acções, de que se envergonhariam talvez os gallegos das praças.

Respeite as boas praticas de camaradagem jornalística, e não faça por onde mereça ser apontado como a ver-

ficante e salutar o exemplo de uma folha religiosa, que querendo defender a Religião e a Igreja, em que falta sempre, atropella na sua sua feroz linguagem essas cousas sagradas e venerandas, fazendo o contrario, do que ellas dizem e aconsellham. Ha defensores atrabiliarios e sanhudos, que, prejudicam com os seus excessos as causas mais justas. D'estes é o *Bem Publico*. Se quer discutir conosco, falle e proceda como homem de bem; seja adversario forte e até invencivel, mas seja leal, seja urbano, seja decente e digno. Nem o lodo é razão, que convença, nem as pedradas são argumentos, que se adduzam.

Impugne, mas não insulte. Senão

ver-se-ha só. Ha-de atroar a terra, e incommodar o ceo com os seus gritos, mas ninguem o ha-de escutar. Não ha jornal n'estes reinos, que o *Bem Publico* não tenha preseado com os mimos de que está abastecido, e que são affrontas, disparates, improprios e verinas. Todos fogem de discutir com um jornal assim; sobre ser tempo perdido, é consideração imerecida.

E para as villanias de um libello, que deshonra a imprensa, o desprezo e o riso são as unicas respostas dignas.

Haverá aqui ignorantes e calumnias; mas o que não ha, são transfugas, que deixando o barrete vermelho dos demagogos, envergassem depois o balandão de andador das almas; o que não ha são desertores, que trocassem a dignidade d'homens livres pela abjeção d'eunuchos degradados.

A nossa linguagem será veheamente; mas tem desculpa na insolente provação, que nos fez em termos os mais descomedidos, quem depois de se haver desalado em injurias contra nós, termina a aconselhar-nos comedimento, e cordura. N'esse meandro inextricavel de necedades e convicios, em que se perde o *Bem Publico*, deparamos com uma interpeção energica e arrogante, que elle nos faz.

O sabio mestre, para quem a palavra é estyلة, e a imprensa tripode, d'onde retine a voz dos oraculos, toma em punho a ferula, e com o rosto a lampear ameaças põe em confusão a turba dos discipulos, ignorantes e ineptos, que ousam contradizer os ditos infalíveis do moderno.

Entretanto, para não deixarmos sem protesto os triumphos, que o *Bem Publico* decreta a si mesmo, sempre lhe diremos a nossa opinião á cerca da origem do poder dos Bispos.

Não pensamos n'esta parte como pensam os Bellarminos, os Soares e outros

da eschola ultramontana, que julgam fazer um grande serviço á Igreja, dizendo que o Papa é tudo e os Bispos nada, e os Bispos seus commissarios e eservos.

O *Bem Publico* de certo se recorda, visto ser tam douto, d'aquellas passagens do Evangelho, em que Jesus Christo, diz aos Apostolos, e na pessoa d'elles aos Bispos seus successores, que ficaria ligado e desligado no ceo tudo o que elles ligassem e desligassem na terra.

O *Bem Publico* sabe, que segundo a interpretação dos Padres a palavra ligar e desligar exprime o poder de governar conferido pelo Divino fundador da Igreja de um modo illimitado, absoluto, e sem restricção.

O *Bem Publico* sabe que Jesus Christo enviou os Apostolos, como Elle mesmo havia sido enviado por seu Pai.

O *Bem Publico* sabe, que S. Paulo no cap. 20 dos Actos dos Apostolos diz ter o Espirito Sancto posto os Bispos na Igreja de Deus, para a governarem.

A idéa de governo é incomprehenivel sem a idéa de poder. Quem investe na missão de governar, dá todas as facultades, todos os poderes indispensaveis para governar.

Se nós quizessemos procurar argumentos na tradição, e nos concilios Ecu- menicos, não acabariamos. Poderiamos até citar palavras de Pontifices. Mencioneamos apenas S. Thomaz, que vale por uma legião de theologos e canonistas, e que diz, que os actos hierarchicos, que pôde fazer o Papa os pôde igualmente fazer o Bispo.

O poder dos Bispos é pois de direito divino, e não de direito ecclesiastico.

A palavra Bispo, significando superintendente e inspector, designa mais ainda a jurisdicção, do que a ordem.

O poder dos Bispos vem de Jesus Christo, e não do Papa.

O chefe da Igreja, como Vigario de Jesus Christo, e successor de S. Pedro, tem o Primado d'honra e jurisdicção, e gosa como tal de eminentes prerogativas, que nós somos os primeiros a reconhecer e a respeitar.

O Pontifice inspeciona os Bispos, e governa toda a Igreja, e trabalha para que cada um no gráo da sua jerar-

FOLHETIM

PROCESSO DOS THUGS

SUPREMO TRIBUNAL DE CALCUTÁ E MADRASTA

PRÉSIDENCIA DE LORD WILLIAM BENTICK

ACCUSADOS 3266

A deusa Kaly — *Mysterio das iniciações — Terríveis juramentos. — Ordens indistinctivas. — Cega obediencia. — Armadilhas infernaes. — O Goor Knot (lenço sagrado). — Cavernas tenebrosas. — Abyssos insondaveis. — Festas sinistras. Saturnaes. — Sacrificios humanos.*

(Continuação)

XL

Era já noite; os assassinos levaram as victimas e tudo o que elles traziam consigo, sem procurarem os dois cumplices que eu tinha salvo.

A mulher devia chegar n'aquella mesma noite a Madrasta, com um irmão que ia em sua companhia, menos feliz do que ella, porque perecera ás mãos dos saltadores. Aceitou a minha hospitalidade até se curar das feridas que recebera na lucta com os dois homens; e tratou-a com tanto carinho eu, que nunca na minha vida tivera contrato algum com mulheres de outra classe, que em

logar de partir passados os primeiros oito dias, quiz participar da minha triste existencia.

A felicidade habitou sob os nossos tectos durante dois mezes; tinha alguém que amar uma companhia, não só moça e formosa, senão grata e dedicada. Não invejava a sorte dos outros, e abençoava a minha a hora em que Mézibé franqueara o limiar da porta da minha pobre cabana.

Infelizmente a felicidade foi de curta duração. Uma manhã, ao voltar da minha pesca, encontrei minha mulher morta no chão. Os assassinos haviam escripto na porta, com sangue, as seguintes palavras: «Um paria não precisa de mulheres, e a tua morte porque Kaly assim o quiz».

A vista d'esta inscripção, reviveu a coragem, que me abandonara, levei na fonte proxima o corpo mutilado de Mézibé; dividi-lhe os cabelos em duas compridas tranças, e enterrei-a em uma cova cheia de plantas cheirosas.

Antes de cobrir os restos do unico ente que se tinha sorriso para mim e apado o pobre paria, fiz um juramento, que tenho cumprido até hoje: perseguir os thugs noite e dia e matal-os sem piedade para vingar Mézibé.

Um anno depois já eu tinha dado cabo de muitas centenas de estranguladores. Hyder-Ali, que o diga; Hyder-Ali, que promete montes de ouro a quem lhe leve o assassino da sua favorita apunhalada por mim, como Mézibé fora estrangulada por um dos seus. Eu tinha assignado a minha obra também, e assignei; o caçador de thugs.

O jamadar Hyder-Ali dá um grito de raiva, ao ouvir a recordação invocada pela

testemunha, e levanta-se como que para lançar-se sobre Jabez, mas os soldados obrigam-no a sentar-se.

— Concluiu? pergunta o presidente a Jabez, que nem sequer voltou a cabeça.

— Não, mylord, agora é que chegamos ao ponto mais importante do depoimento. Abandonei a cabana no mesmo dia da morte de Mézibé, e escolhi para retirar uma caverna pouco afastada do mar e situada a cerca de uma milha de Madrasta. Os thugs que se refugiavam alli a miudo, tinham-lhe posto o nome de Caverna do Terror.

Esta caverna tem duas saidas, uma ao sul, outra ao oeste, e esta ultima dá para um caminho muito estreito que domina um grande precipicio. Para surprender os segredos dos meus inimigos, tinha feito outra saida, que dava accesso por um carreiro longo e estreito, para um observatorioinho praticado na abobada e escondido com musgo. D'aquelle observatorio, podia ver e ouvir tudo o que se passava na caverna; e foi d'alí que assisti á horrivel scena que vou contar.

Oito dias antes do ataque dirigido contra o capitão Butler, antes de s. ex.º organizar a batida que eu andava a fazer sosinho, estava eu, por volta das dez horas da noite, embuscado a cerca de cem metros da caverna. De repente vi, auxiliado pelo luar, saírem d'alí dez thugs e tomarem rapidamente a direcção de Madrasta. Cada um levava um canhão na mão.

Era a hora favorita das suas expedições, e supuz logo que iam fornecer-me occasião de os surprender isoladamente. Segui-os a grande distancia, armado d'um pau muito grosso, que nunca me deixava.

Quando chegaram ás primeiras casas de Madrasta, pararam.

Estiveram em consulta alguns momentos, depois os estranguladores dirigiram-se a um por um para o muro d'uma casa, em que ainda haviam luzes, e eu fui postar-me por detraz do muro fronteiro, que, como o outro, tinha a altura d'um homem, depois d'elles se terem escondido na sombra, aproveitando uma elevação do terreno.

D'alí, vi na sala ao rez do chão quatro senhoras e tres homens tomando chá á roda d'uma meza, illuminada por um lustre de dez ou doze lumes.

Perguntava a mim mesmo qual podia ser o projecto dos thugs, quando se levantaram de repente cinco cabeças de homens ao pé de cada uma das janellas da sala, como se tivessem saído da terra, e vi no mesmo instante os dez canhões, que os thugs levavam, dirigirem-se para as velas do lustre.

As luzes foram apagadas n'um abrir e fechar d'olhos; depois ouvi gritos, o ruido d'uma lucta, e quando o silencio se restabeleceu, distingi na sombra os thugs que voltavam para ao pé do muro, levando desmaiadas nos braços as quatro senhoras.

Este atrevido assalto fora feito em menos d'um quarto de hora. As victimas foram passadas por cima do muro, e os raptores voltaram como tinham ido, sem ninguem os incommodar.

Eu deixara o meu posto para os seguir, e saber a direcção que tomariam.

A minha primeira idéa ao vel-os dirigirem-se para a Caverna do Terror, foi ir requisitar força armada ao commandante das tropas inglezas, e metti-me para esse fim nas ruas de Madrasta.

Mas, no meio do caminho tive uma idéa, de que nunca me tinha lembrado, e pareci. Esta idéa conciliava tudo se viesse a realisar-se; vingava-me, e salvava as victimas dos thugs.

Enlacei immediatamente á roda da cintura a corda da minha camisola, segui os vestigios dos bandidos, e cheguei ao cabo d'um quarto de hora ao areal por onde elles tinham passado para chegar á caverna.

Não tinha perdido mais que vinte cinco minutos em Madrasta, e achava que não tinha andado mal; todavia não enxerguei nenhuma forma humana diante de mim. Os thugs haviam já entrado no covil.

Arrastei-me para a minha entrada particular, como o fora uma serpente e cheguei ao observatorio.

No momento em que afastava o musgo que o encobria, illuminou-se a caverna, e os meus olhos viram um espectáculo singular.

Na minha frente e sobre um pedaço de rocha estava um monstro horrendo, grosseira imagem da deusa Kaly, tendo aberta a bocca enorme, guarnecida de agudos dentes.

Aos pés desta estatua, e no meio de uma enorme pedra lista, estava uma grande escudella com o terrivel lenço sagrado.

A direita e á esquerda d'essa especie de altar, estavam sentados em semi-circulo quarenta thugs, mais do que eu pensava, com os braços e os peitos nus.

Cada um tinha um archote acceso na mão, e miravam ora a deusa Kaly, ora umas quarenta mulheres que estavam alli também, e entre as quaes reconheci as quatro que vira roubar.

Eram moças todas e maravilhosamente bellas; os cabelos dispersos tocavam o chão.

chia exerça os seus direitos, e desempe-
ne as suas funções, em harmonia com
as doutrinas do evangelho, e as pres-
cripções dos cânones.

O Pontífice confirma e vigia o po-
der dos Bispos, mas não lh'o confere.
Se o Bem Publico se dêr ao traba-
lho de ler as obras de Bossuet, lá encon-
trará a exposição e a defeza dos direitos
dos Bispos, sem que sejam agredidos
ou negados os direitos do Pontífice.

Nós não sabemos a historia, mas o
Bem Publico, que a não ignora, conhe-
cerá por ella as importantes attribuições,
que os Bispos exerceram muito tempo,
dispensando em todos os impedimentos
do matrimonio, julgando nas suas di-
ceses, e absolvendo das penas canóni-
cas os réos dos peccados de heresia e
de idolatria sem delegação dos Pontífices.

Se deprimir a autoridade episco-
pal, e exagerar até o absurdo o poder
do Pontífice é rigoroso dever, e obra
boa, continue o Bem Publico com todos
os seus consocios n'esse caminho, que
nós decerto lhe não porremos trope-
ços.

E já declaramos, que não entrámos
em polemica com o Bem Publico; faça
das nossas idéas thema inexgotavel de
dissertações sedicjas, que lhe não respen-
deremos. Entendemos, que é trabalho im-
productivo discutir com tal adversario.
Nem nós temos tempo nem paciencia para
o aturar.

Esbraveje pois a sua vontade.
Em quanto ao Arcebispo D. Fr. Bar-
tholomeu dos Martyres, era melhor,
que o Bem Publico se calasse. Sobre
este assumpto já este jornal disse o
sufficiente, e dirá mais ainda, se for
preciso.

O portuguez, que abriu devasas
contra os partidarios de D. Antonio,
e que mandou vir artilharia do Porto
para metralhar os portuguezes, que ou-
sassem fallar em patria e em independen-
cia, foi realmente um grande patriota.
Rasquem a historia primeiro,
açaimem-na, apaguem-na, e fallem de-
pois.

Estimamos, que o Bem Publico e
a reacção recebessem o Primaz com do-
lura e assombro; nós pensavamos, que
bilo.

Estavamos em erro.

A reacção redige, animá, favorece,
vende e propaga um libello de difama-
ções, que ali apparece, e o Bem Pub-
lico assombra-se, dóe-se e chora até.
E para mostrar a sinceridade do seu
espanto, e das suas lagrimas esfalla-se
para enfraquecer a defeza do digno
Arcebispo de Braga; e quando fallá nas
suas esmolias, *adjectiva-as* com pontos
de reticencia!

Isto não é só desleal, é vil e torpe.
A reacção não pôde esquecer, que o
sr. Arcebispo de Braga foi Ministro da
virtuosa filha do Imperador e que nun-
ca se insurgio contra as instituições li-
beraes. Como poderia o sr. Arcebispo
sendo liberal escapar ás iras dos reac-

cionarios? Estas hypocrisias hediondas,
que não tem ao menos a habilidade de
se encapotarem, são uma cousa bem mi-
seravel e indigna.

Os tartufos desfazem-se em prau-
tos e em lamentações na presença da
victima, e quando lhe voltam as costas,
applaudem e abençoam o punhal, que
a fere. Que devota e santa gente!

REVISTA EXTRANGEIRA

Lê-se na Epoca e na Gazeta de Ve-
neza:

O rei Victor Manoel sahio hontem
de Veneza com o fim de ir visitar Pa-
dua, Mantua, Verona e mais cidades
da provincia veneziana. No dia 11 es-
tará de regresso em Florença, então se
tratará no seio do gabinete italiano a
questão romana. O parlamento deve re-
unir-se no dia 11 de dezembro proximo.

O rei tirou do seu bolsinho a
somma de 100.000 francos, para serem
distribuidos pelas pessoas menos abas-
tadas e mais merecedoras d'isso, que
se distinguiram servindo por qualquer
meio honesto a causa nacional, que-
rendo que o patriotismo e sacrificios
d'essas pessoas não ficassem sem recom-
pensa. Deve realizar a repartição da
mencionada somma nua comissão espe-
cial, nomeada pelo commissario regio.

Hontem de manhã o rei, depois
de ter concedido algumas audiencias, foi
a pé, com os principaes seus filhos, o
presidente do concelho, o commissario
regio, e o *maire*, visitar o palacio ducal.
Durante este curto trajecto, extraordina-
ria e entusiastica multidão saudou
com as suas aclamações o rei da Italia.
O rei foi recebido á porta do palacio
pelo professor Fabri, conservador,
por todos os membros do instituto, á
pelos bibliothecario e sub-bibliothecario da
Marciana. Sua magestade visitou com
elle este magnifico monumento das glo-
rias venezianas. Pela grande escadaria
dos Gigantes e escada de Ouro foi o rei
conduzido á sala das Quatro Portas,
em que andam actualmente obras, e
tos de arte e da industria.

Expostos diversos obje-
reunidos n'esta occasião como elemen-
to e principio de uma exposição perma-
nente. O rei admirou as obras do mo-
saico do sr. Salviati, e principalmente
a linda mesa que as damas venezianas
querem offerecer-lhe.

A exposição estendia-se até á sala
do concelho dos Dez, onde tinham si-
do dispostas numerosas e das melho-
res photographias de Veneza, assim co-
mo alguns aparelhos de optica de
Ponti.

O rei ao procurrer esta exposição
manifestou o mais pronunciado interesse
pela industria veneziana. Visitou suc-
cessivamente o senado, o collegio, etc.;
vio com tanta admiração quanta sur-
preza a sumptuosidade d'aquellas salas,

nas quaes se reúne o primeiro corpo
da republica, e onde eram recebidos
os principaes e os embaixadores estran-
geiros. Sua magestade pediu explica-
ção, que logo lhe foi dada, dos quadros
que recordam os factos mais gloriosos
da antiga republica.

Na sala do conselho supremo viu
o rei o famoso breviario Grimani.

Depois de ter visitado o museu e o
pantheon, desceu o rei pela escada dos
Gigantes, no meio das demonstrações
enthusiasticas da numerosa multidão
que se estendia, até ao qual sua mage-
stade regressou, renunciando á vista que
projectára fazer ao arrenal.

Mais tarde, ao banquete da corte,
assistiam o corpo diplomatico, ministros,
senadores deputados, a municipalidade,
a comissão que representava o corpo
scientifico, etc.

No theatro da Fenicia foi tal a
concorrenzia de espectadores que foi ne-
cessario suspender muito cedo a venda
de bilhetes. As oito horas appareceu
o rei na tribuna real, como principe re-
gente e os principes Humberto e Ama-
deu.

Os applausos e a ovação foram
taes, que publico mal pôde gozar o ma-
gnifico espectáculo popular *Veneza li-
bertada, ao seu rei*, posto em musica
por Buzzolla. O rei demorou-se até ao
fim da dança. Quando se retirou repe-
tiram-se as aclamações. A meia noite
ainda se ouviam, debaixo das janellas
do paço, vivas ao rei.

Lê-se na *Preseveranza*, de 6 do
corrente:

O sentimento de termos merecido
o destino, que se está consummando na
Italia, não nos apaga do coração a lem-
brança de quanto devemos aos vencedo-
res de Magenta e Solferino, de quanto
devemos ao illustre soberano que, ro-
deado de mil difficuldades, permaneceu
constante defensor da nossa independen-
cia. N'estes dias, em que a alma
se entrega aos sentimentos mais eleva-
dos, colloquemos acima de todos elles
o do reconhecimento.

NOTICIARIO

Despacho. — O sr. Antonio Ma-
noel Alves Costa, chefe da repartição da
contabilidade da camara municipal, d'esta ci-
dade, acaba de ser provido no lugar de escri-
vão da mesma camara, vago pelo falle-
cimento do sr. Manoel Joaquim Manso.

Foi acertada e de justiça aquella es-
colha. O sr. Alves Costa além de ser o em-
pregado mais antigo d'aquella secretaria, re-
nue a uma prohibida inconcessa, muita intel-
ligencia e practica d'aquelles negocios.

Damos-lhe os nossos parabens.

Haverá guerra? — São estas as
palavras, que a muitas pessoas se houver
proferir, em vista da attitude bellica, com
que se apresentam os soldados, que fazem
guarda á cadeia, ao quartel, Banco do Mi-
nho etc.

É, na verdade, uma cousa extraordi-
naria o verem-se, na nossa augusta Braga,

os soldados fazerem sentinella com a enorme
mochila, cantil, holdrie e mais *opetres-
chos* ás costas!... A porta da guarda da
cadeia veem-se as armas cruzadas umas nas
outras, de maneira que em tal apparato dá
cena a que o povo desconfie de alguma *Ma-
ria Bernarda*, que esteja prestes a voltar
ao nosso valle de lagrimas, pondo em alar-
me este povinho, tão pacifico.

Ainda hoje estamos para saber qual é o
fim para que o nosso exercito se prepara
com tamanha actividade. A varias pessoas o
ouvimos explicar de diferentes modos: uns
dizem, que se espera uma *Maria Luiza*,
filha primogenita e herdeira do valor e he-
roicidade da immortal *Maria Bernarda*,
que ha annos se dignou visitar-nos; ou-
tros dizem, que o sr. ministro da guerra
se lembrára de, por este meio, tornar a
nossa milicia mais robusta, d'uma tempe-
ra mais rija, a fim de esta se ir habitu-
ando aos rigores da intemperie, aos enormes
pesos a que s. exc.^a parece querer destiná-la,
finalmente, a soffrerem com resignação u-
ma perfeita caçoada.

Nós, porém, não acreditamos na primei-
ra opinião, pois que não tem o menor dos
fundamentos; mas optamos pela segunda co-
mo a mais seguida. A ser esta a verdadeira,
sempre nos seja permitido lembrar ao sr.
ministro da guerra, que era também *muito
util* expor o nosso exercito ao contacto de
algumas ballas, a fim de nunca extranhar a
furia de reuhidos combates.

Esta medida, que ha pouco baixou do
ministerio da guerra, deve ser *applaudida*
por todos como *muito util*, e não menos o
deve ser esta, que agora acabamos de lem-
brar; porque a seu tempo, quando as circums-
tancias o exijam, veremos os nossos soldados
caçoando com o inimigo, que se lhes apre-
sentar á frente.

Portugal, sem duvida alguma, pôde col-
locar-se á frente dos exercitos estrangeiros,
porque não teme a perda de um só dos seus
soldados; *graças*, pois, á descoberta do ex-
ministro da guerra!

O povinho escusa, por tanto, admirar-
se do apparato bellico: são coisas do ministe-
rio, que nos proporciona *luzes e graças*, as
quaes *ab initio* nos foram promettidas nos
respectiveos programmas.

Exercício militar. — Ante-hon-
tem o regimento d'infanteria n.º 8 foi pa-
ra o monte Sameiro fazer exercicio de fogo.

Em consequencia d'isso foram muitas
pessoas desta cidade gozar por algum tempo das
delicias vistas do mesmo monte, voltando
pelo Bom Jesus, aonde a officialidade e tro-
pa tiveram um bom jantar.

As 10 horas da manhã marchou para
alli o regimento, donde regressou ás 5 da
tarde, vindo acompanhado de innumeraveis
pessoas a cavallo, em carros e outras a pé.

Carta de Coimbra. — Acerca
do suicidio, que se deu em Coimbra na se-
mana passada, e do qual já tinhamos dado no-
ticia no numero antecedente do nosso jornal,
damos hoje os seguintes promenores, que de-
vemos ao favor d'um nosso amigo d'aquel-
la cidade. Eis a carta:

O sympathico e bemquisto estudante Jero-
nymo da Silva Motta era um d'aquelles man-
chebo, que tudo subordinam ao sentimento, ao *brío*
e ao pundonor. N'um dos 1.º annos de seus es-
tudos começou a apaixonar-se por uma me-
nina d'esta cidade, e continuou sustentando
com a mesma progressivas relações amoro-
sas nos seguintes annos.

Amador sincero, sentiu amargamente á

to, olhando para a direita, para o cami-
nho que tinha a seguir.

Abaixei o varapau e o estrangulador ro-
lou para o abysmo sem dar um grito se-
quer.

Abreviarei os promenores d'esta ma-
tanga nos meus inimigos.

Em menos de meia hora levantei e abai-
xei os braços quarenta vezes, e este movi-
mento correspondia á morte de um bandido.

A queda do ultimo no precipicio foi acom-
panhada de um grito de triumpho. Depois
entrei na caverna.

Não fora sacrificada nenhuma das victi-
mas, mas como todas ellas reclamavam soc-
corros que eu não lh'es podia dar, parti
para Madrastra.

O meu depoimento termina aqui. To-
dos sabem como os soldados inglezes, guia-
dos uma noite por um indio, acharam qua-
renta mulheres na Caverna do Terror, e
ellas mesmas podem dizer se estiveram ou
não para ser sacrificadas a Kaly. O indio
era eu, e se as victimas arrancadas á morte
teem repellido sempre os parias do limiar
das suas moradas, que ao menos para o
futuro se compadeçam d'elles.

XLII

É chamada outra testemunha.

O lord presidente. — Como se chama?

A testemunha. — D. Nicomedes Francis-
co de Paula Domingo José de Mendonza Sa-
lazar y Gomez.

O lord presidente. — Como se chama?

A testemunha. — D. Nicomedes Fran-
cisco de Paula Domingo José de Mendonza
Salazar y Gomez.

desigualdade com que era correspondida a
sua affeição, e menos dolorosa lhe pareceu a
perda de mulher amada, do que a conjeição
cruel de não estarem em sympathias d'esta á
altura do seu amor. O proximo casamento
que se diz ajustado d'aquella menina com
um dr. da Universidade, dando lugar a
pungentes desenganos, promoveu aquella fatal
determinação. Sete dias antes do seu sui-
cidio tinha o infeliz Jeronymo da Silva Motta
adoptado tão desgraçada resolução, e bem
que ainda nutrisse alguma esperanza de sor-
te mais digna até o fatal, chegou a este,
pôz termo a seus dias; como protesto contra
um desprezo immerecido.

A sorte d'este manchebo sensibilizou a
Academia, assim como muitos habitantes de
Coimbra, e no dia 17 por toda a parte se
ouve deplorar a desgraçada sorte, fazendo-
se a devida justiça ás boas qualidades do
infeliz.

Sua extremosa mãe, seu pae e seu irmão,
sexanista de Medicina, acham-se inconsola-
veis. Ao enterro concorreu um grande nu-
mero de academicos, tomando tambem par-
te n'esse acto funebre o digno commandante
do destacamento de infanteria 9 com os sar-
gentos, cabos e alguns soldados do seu com-
mando.

**Ao revl.º sr. José Joaquim
da Costa Leite.** — Pedimos desculpa
da demora, que tem havido na publicação do
seu escripto, que ha dias nos enviou, o que
esperamos se realice no numero seguinte.

Uma bacharel. — Recebeu ha
poucos dias na Sorbone o grau de bacharel
em sciencias uma senhora franceza, chamada
mademoiselle Maria Rosseti. É a segunda
bacharel em França. A primeira foi mado-
moiselle Emma Chenu.

Amores de Leão. — Está a en-
saios no theatro de D. Maria II, em Lisboa,
a comedia drama de Leon Gozlan, *Amours
de Leon*, primorosa imitação do sr. conse-
lheiro Mendes Leal.

Será a primeira vez representada em be-
neficio da distincta actriz Gertrudes Ricta da
Silva.

Carta. — De um nosso assignante,
d'esta cidade, recebemos a carta que abaixo
publicamos, a qual tem por unico objecto pe-
dir ao exm.º General d'esta divisão, que fa-
ça dispensar o toque de cornetas e tambo-
res pelas ruas ás 8 horas da noite, em con-
sequencia dos incommodos resultantes ás
pessoas doentes.

Achamos que o pedido é justissimo, e,
attendendo á bondade de s. exc.^a o sr. Ta-
borda, não duvidamos com o author da re-
ferida carta tomar parte no seu pedido que
com a devida redunda em favor de muitas fami-
lias, tambem encommodas com o grande
estrondo d'aquelles instrumentos.

Eis a carta: Sr. redactor.

Tomou a liberdade de pedir a v. o fa-
vor, de no acreditado jornal que dignamente
redige, levantar a sua authorizada voz em
favor d'um objecto que, por mim julgo, de
grande alcance em favor da humanidade.

Tenho uma pessoa de familia, soffrendo
os terriveis effeitos d'uma enfermidade grave,
e que não pôde ouvir o mais pequeno barulho,
mas infelizmente todos os dias é mar-
tyrisada, ás 8 horas da noite, pelo enco-
modo toque de cornetas e tambores, que
lhe passam pela porta.

No Porto, desde que a imprensa pediu
a supressão do toque de recolher, por cau-

O presidente. — Onde nasceu?

A testemunha. — Em Cadiz.

A testemunha como não entende bem in-
glez, pede ao presidente se se digna dar-lhe
um interprete.

— Dispense v. mylord? puedo pedirle a
v. um favor? no hablo el ingles, sino con
una dificultad muy grande, y me atreveré a
supplicar a v. que envíe a buscar un interpre-
te.

Lord Bentick que se exprime em hespa-
nhol com tanta facilidade como em inglez,
responde-lhe que tinha sido previsto o seu
pedido, e que um negociante hespanhol de
Madrastra se dignara offerecer os seus servi-
ços.

— Com mucho gusto vamos a condes-
cender con su ruego. He prevenido sus des-
eos. El señor José María del Rolario, uno
de los mas distinguidos mercaderos en esa
ciudad, ha tenido la bondad de ofrecer sus
servicios é interpretar á vuestras palabras de
su idioma en nuestro.

A testemunha agradece ao presidente a
sua attenção:

— Doy a v. ex.^a y al señor José María
del Rolario, un millon de gracias.

O presidente. — A hora, vamos, v. puedo
hablar. (Agóra, vamos, pode falar).

A testemunha, cujo depoimento é tra-
duzido pelo sr. José Maria del Rolario, ex-
prime-se n'estes termos:

(Continúa)

Formavam um grupo admiravel, e não ob-
stante a gravidade da situação, não me pude
conter que ás não contemplassse; porém eu
estava bem decidido a impedir qualquer at-
tentado contra aquellas desventuradas, os
parentes das quaes choravam indubitavel-
mente a sua morte.

O gooroo reprimiu as exclamações de
alguns thugs, e ameaçou-os com a colera de
Kaly, querio dizer, com um supplicio horri-
vel, se perturbassem o sacrificio dos cabellos,
com uma acção inconveniente, ou uma pa-
lavra indecente.

Depois, disse ás mulheres que não lhes
aconteceria mal algum, se não dessem um
gemido ou um grito sequer, se não derramas-
sem uma lagrima em quanto formassem o
tapete sagrado.

Encham-se de orgulho, disse elle n'um
impeto de enthusiasmo, por terem sido esco-
lhidas d'entre as mais bellas para formar to-
das as noites o tapete vivo consagrado a
Kaly.

Percebi logo o que aquillo significava.
Vinte mulheres foram deitadas no chão,
por ordem do gooroo, umas ao pé das outras,
e n'uma mesma fila. Os cabellos foram cui-
dadosamente estendidos no solo, formando um
lindo matiz.

Depois o gooroo mandou deitar do outro
lado as outras vinte mulheres; de sorte que
os seus cabellos foram misturar-se com os das
primeiras.

Era na verdade um quadro maravilhoso.
As mulheres tinham as mãos sobre o peito,
não ousavam queixar-se, nem chorar; mas
as pulsões precipitadas do coração mostra-
vam bem quanto ellas deviam soffrer.

O setoso tapete estava prompto. Os thugs

prostraram-se diante da ignobil imagem de
Kaly, cujas formas monstruosas faziam um
contraste extraviagante com as quarenta esta-
tuas vivas que estavam estendidas no solo.

O gooroo entouo uma prece e celebrou
as virtudes de Kaly.

Os thugs levantaram-se, e o gooroo pi-
sou o espesso, molle e perfumado tapete,
seguido de todos os sectarios de Kaly.

Aquellas mulheres tiveram todas um es-
tremecimento de horror. Sentiram-se man-
chadas pelo idiundo contacto d'aquelles homens;
nenhum gritou todavia; mas ao passo que os
thugs iam passando, tornaram-se as pulsa-
ções do coração mais ruidosas, e duas mul-
heres não podendo supportar mais aquella
profanação, começaram a soluçar.

Do grupo saíram dois thugs que se fo-
ram pôr diante d'ellas com gestos ameaça-
dores, e o gooroo continuou no seu sacrilego
passeio.

Quando o gooroo voltou ao lugar d'onde
tinha partido, lançou-se sobre a pedra onde
estava a escudella, aproximou o lenço dos
labios de Kaly, e poz-me de joelhos á direita
do altar, apontando para uma das mulheres
que havia infringido as suas ordens e pertur-
bado com as lagrimas o sacrificio.

A victima designada foi levantada pelos
dois thugs e deposita sobre a pedra.

Sohra á hora do sacrificio.

Chegara o momento de eu intervir entre
os thugs e as suas victimas. Levei em toda
a attenção que as circumstancias exigiam a
mão esquerda á garganta, em quanto que
com a direita arredei a cortina de musgo,
que escondia o observatorio, e imitei o grito
da rola, comprimindo ligeiramente a respi-
ração.

A este signal familiar, os thugs que se-
guiam com toda a attenção os movimentos
do gooroo, levantaram de repente a cabeça.

O meu segundo grito devia produzir
muito mais terrivel effeito que o primeiro,
no meio do sepulchral silencio que reinava
então na caverna.

Para indicar aos bandidos que o perigo
que os ameaçava estava imminente, pronun-
guei-o, como elles me tinham ensinado sem
o saber, e vendo que o terror panico se es-
palhava nas suas filas, apressei-me a deixar
o meu esconderijo.

Não tinha executado até alli senão a
primeira parte do meu plano.

A segunda era mais perigosa e difficil.

Tratava-se de ir postar-me á sahida des-
te da caverna, e de desempenhar a tarefa
que não tinha querido confiar aos soldados,
com medo que já chegassem tarde.

Como já disse, o caminho que domina-
va o precipicio era tão estreito que os thugs
não podiam passar senão a um e um.

Além d'isso a sahida da caverna era qua-
si ao nivel do caminho, e tinha apenas cin-
coenta centimetros de altura sobre um me-
tro de largura, e os thugs não podiam fu-
gir senão a um e um.

Em cinco minutos me fui postar á es-
querda da sahida.

Se tardasse mais alguns segundos, teria
sido muito tarde, porque não havia ainda
tomado a respiração, quando ouvi o barulho
que fazia um homem o arrastar-se.

Eu estava de pé e immovel, á esquerda
da entrada, e com o meu varapau levantado
em ambas as mãos.

Fora do buraco appareceu arrastando-
se sobre os joelhos, um thug, que se leván-

sa d'estes mesmos inconvenientes, nunca mais se fez ouvir tal toque; e nós, que não somos de Porto e a nossa cidade que não é praça de guerra, persuado-me que o exm.º General não terá duvida alguma em si-pensar o tempo que de recolher, pelas ruas, porque n'isso vi grande interesse, para as melhoras dos d'outros por onde o mesmo costuma passar.

Um seu assignante e constante leitor.

Erratas. — No ultimo artigo sobre a dotação do clero deve ler-se em vez de —de-se (pag. 1.ª col. 5.ª) de-se-lhes; na mesma pag. e col. em vez de aponegio aponegio, em vez de pareceo nos menos verdadeiro (pag. 2.ª col. 2.ª), pareceo verdadeiro.

RELIGIÃO

NOVEMBRO 25.

S. Catharina, V. M.

Santa Catharina glorificou Jesus-Christo confessando generosamente a fé em Alexandria, quando reinava Maximino II.

A veracidade das Actas é suspeita. No Menologio do imperador Basilio, que as seguiu, lê-se, que santa Catharina era de sangue real; que tinha subida instrução, que confundiu uma assemblea de philosophos pagãos, com os quaes Maximino a obrigou a discutir; que estes philosophos se converteram, e que, perseverando na profissão do christianismo, foram todos queimados juntamente.

As Actas da santa acrescentam que ella foi atada a uma machina composta de muitas rodas guarnecidas de pontas mui agudas; mas que, quando quizeram mover as rodas, as cordas se quebraram miraculosamente, de sorte que a santa ficou livre, sendo depois degolada, no principio do IV seculo.

NOVEMBRO 26.

S. Pedro Alexandrino, B. M.

NOVEMBRO 27.

S. Margarida de Saboya.

NOVEMBRO 28.

S. Gregorio 3.º P.

CORREIO D'HOJE

Lisboa 22 de novembro

(De nosso correspondente)

Decididamente este governo é o da maior patusca da possível; depois da pandega de Tancos, depois de chamar ás armas gregos e tróyanos, reservas, baixas, etc. depois de entrar no grande caminho de organização geral do exercito, como um leão, sabe como o maior e o mais completo sendeiro, mandando licenciar as reservas, e reduzindo os regimentos de infantaria e batalhões de caçadores!...

Para que foram então os exercicios militares em Tancos?

Para mandar depois os soldados plantar couves!

O dinheiro, que se gastou, pobre paiz, que alem de ter um deficit de 5000 e tantos contos, gastam-lhe 1:200 em uma cousa que nenhuma utilidade foi para o paiz!

O sr. Fontes é assim, tem sido assim e hade morrer assim em todas as suas cousas!

Chamar as baixas, com grave prejuizo dos pobres homens, condemnal-os a andarem carregados como umas cavalgadas, dar-lhes pelos beijos aguardente, café, etc. e depois vá para caza, serão cousas que o sr. ministro da guerra julga decerto muito boas, para os seus amigos, pelas rendosas commissões, mas que são muito prejudiciaes áquelles que estando nos seus empregos, os tiraram de lá, para figurarem em revistas e paradas, e para que!

O ministério acabou de dar uma prova da sua inaptidão, em tudo isto; figurar de grande, sendo pequenos e pobres, só de homens que não têm a peito o interesse e a prosperidade do paiz.

Lavra a discordia entre os ministros, hontem houve um acalorado conselho de ministros, que durou quasi até pela manhã; os ministros do reino e estrangeiros parece que estão pouco dispostos a participar da solidariedade

dos actos do sr. Fontes, este zangou-se, enfureceu, mas os srs. Casal e Martins, é que não estão para o atar, e fazem bem: quem faz a cama que se deita sobre ella.

O importante jornal de Londres Times, traduzimos a seguinte estatística sobre as sociedades religiosas.

A Sociedade missionaria de Londres foi estabelecida em 1795, tendo recebido do publico em contribuições geraes, legados, dividendos donativos, etc. até hoje a somma de lib. 3,262,346. (ou reis 15.080:557\$000) e despendido desde 1796:

Na India lib. 1,025,188, (ou reis 4.613:348\$000)

Na china, lib. 278,990; (ou reis 1:255:450\$000)

Em Madagascar lib. 79,590; (ou reis 358:155\$000)

Nos mares do sul lib. 364,485, (ou reis 1.640:232\$500)

Na Africa do Sul lib. 359,631; (ou reis 1.618:339\$500)

Nas Indias septentrionaes lib. 434,145; (ou reis 1:953:652\$500)

Na Siberia, lib. 21,399; (ou reis 96:295\$500)

Nas ilhas gregas lib. 15,961; (ou reis 71:824\$500)

Na America do norte, lib. 22,226; (ou reis 111:047\$000)

Com os estudantes lib. 90,196; (ou reis 405:882\$000)

Com as familias dos missionarios, lib. 202,859; (ou reis 915:985\$500)

Com publicações lib. 61,827; (ou reis 291:721\$500)

Despezas de agencias lib. 229,112; (ou reis 1.031:004\$000)

Total lib. 3,190,652; (ou reis 14.357:934\$000)

Ha por consequencia um saldo a favor da receita de lib. 71,694; (ou reis 223:338\$000)

Esta sociedade tem á sua frente pessoas de reconhecidissima importancia e credito.

Segundo lemos hoje no Jornal de Lisboa, ha um processo pendente á um conselho de guerra de marinha, de liberdade de imprensa!

Julgavamos que só era em Hespanha, que os delictos de imprensa só submetiam á conselhos de guerra, mas tambem já cá temos d'essa fazenda!

O paiz vae em progresso com a administração do sr. Fontes, talvez que o pobre accusado, seja deportado para o ultramar ou talvez enforcado!

Estamos de ataláa! O tempo continúa bello; hoje é que appareceu a cidade immersa em um nevoeiro terrivel.

COMMUNICADOS

Villa Nova de Famalicão 20 de Novembro.

II

A reforma das matrizes foi a faisca do incendio, foi a arma de guerra, foi o pendão de popularidade, que o sr. administrador de Villa Nova quiz transformar em mortalha para o escrivão de fazenda.

Ocorreram factos singulares, que não podemos deixar de trasladar para a tela da imprensa; na sua exposição seguiremos como guias, a verdade e a franqueza, embora ellas possam magoar susceptibilidades melindrosas.

Mas o melhor meio de escapar ás censuras da imprensa, e ás sentenças severas da opinião, é não praticar actos, que as motivem e produzam.

A lei marca 40 dias para a reclamação das matrizes, e só n'esse espaço é admissivel a recepção dos requerimentos dos reclamantes, porém o sr. administrador naturalmente indulgente e bondoso entendeu, que podia dispensar a lei, e admitiu requerimentos por 60 dias! D'estes ficavam uns na casa da administração, outros eram guardados em casa do sr. administrador! A estes só foram presentes á junta, depois de haverem sido requeritados pelo sr. Delegado do Procurador Regio.

Mas os cidadãos reclamantes eram poucos e insufficientes para fazer desapparecer esse pequeno rendimento collectavel, que a maior estava designada.

O sr. administrador queria a victoria, mas vio, que os combatentes eram poucos para dar a batalha, e por

isso recomenhou aos informadores foveiros da sua intimidade, que fizessem novos requerimentos, e que deviam estes ser assignados por todos os contribuintes das suas freguezias.

Peçam, dizia o digno administrador, nas expansões do seu fervoroso patriotismo, peçam, que as matrizes das suas respectivas freguezias sejam annulladas, e deixem o mais por minha conta. Nobre e santo patriotismo! Assim succedeu. Alguns reclamaram nesse sentido.

Mas o sr. administrador nos ardores do seu zelo perdia de vista a lei, que não admittre reclamações collectivas, como se fizeram então.

Feita a entrega dos requerimentos, veio a Braga o sr. administrador representar aos srs. Governador Civil e Delegado do Thesouro a necessidade da reforma das matrizes. Não sei, se os ameaçou com a responsabilidade de uma grande revolta, caso os seus amados contribuintes não fossem attendidos.

O sr. administrador propoz, que fossem reformadas senão todas, ao menos cinco matrizes respeitantes a freguezias, em que ou tinha amigos, ou propriedades, de quem é tambem amigo.

O sr. delegado do Thesouro annuiu á reforma das cinco matrizes, e isto de combinação com o sr. administrador do concelho, e escrivão de fazenda.

Com desagrado foi esta noticia recebida pelos contribuintes das freguezias, cujas matrizes não eram reformadas. Era fundada a impressão do desgosto.

Se havia motivos para reformar cinco matrizes, havia-os egualmente para reformar todas as outras.

A desigualdade na repartição do contingente distribuido pelo concelho era patente e offensiva da justiça, e o gravame iria recahir sobre as contribuintes, cujas matrizes não fossem contempladas com o beneficio da reforma. O sr. Delegado do Procurador Regio como fiscal da lei e da fazenda reprovou tal reforma, e preparou-se, para a comunicar ao governo, no caso de se verificar, porque nem o sr. Delegado do Thesouro, nem a junta de repartições eram competentes para ordenar a reforma das matrizes em questão, e porque, ainda dando-se os motivos determinad

dos pela lei, só o governo podia authorisar a reforma.

Vendo estas disposições do Agente do Ministerio Publico, e parecendo-lhe justas e plausiveis as ponderações por elle feitas, por isso mesmo, que eram fundadas nas leis reguladoras de semelhante serviço, o escrivão de fazenda hesitou em reformar as cinco matrizes, e de tudo deu conhecimento ao sr. Delegado do thesouro.

Este funcionario desejava a reforma das matrizes, porém não a ordenava por escripto ao escrivão de fazenda.

Em presença de taes contradições e tropeços á omnipotencia do administrador desmaiava, e estorcía-se em crueis desespero. Ha homens, que nas suas ephemeras velleidades entendem, que nada deve resistir-lhes, e que tudo deve mover-se a um aceno seu. O sr. administrador tinha nesta triste lucta empenhado todos os seus brios e tinha sellado com a sua palavra de cavalheiro a solemne promessa, que fizera aos seus amigos no sentido da reforma das matrizes.

O sr. Administrador desafogou as suas iras sobre o escrivão de fazenda, de quem julgava, que dependia a satisfação dos seus desejos e compromissos.

Mas o sr. Corte Real, para quem a lei e o dever sobrelevam e pairam n'uma plana superior aos interesses e caprichos particulares, não condescendo com as exigencias do sr. Administrador, e de sendo mais fraco um documento de nobre coragem e de decorosa independencia, o para resistir encontrôu forças bastantes nas inspirações da consciência, no respeito da lei, e no sentimento do dever.

O sr. Corte Real se por um lado desejava fazer a vontade do sr. Delegado do Thesouro, e do sr. administrador, receiava por outro lado praticar um acto menos legal, e calhar n'uma falta grave, porque as matrizes tinham já sido todas entregues á junta dos repartidores, e não as poderia substituir sem se expor a desastradas consequências. Enganar-se-hia o escrivão de fazenda? que o digam os homens imparciaes.

Nós, justificando a sua conducta,

diremos, que ainda, que elle estivesse em erro, esse erro era sincero, e nascido de sentimentos, que longe de abaterem e macularem o caracter do funcionario, só servem para o engrandecer, e nobilitar.

Um grande escandalo se acaba de praticar n'estes ultimos dias o qual, apesar de ser já do dominio publico, merece ter a maior publicidade a fim de que a todos e principalmente aos de boa fe possa aproveitar.

Eis o caso. Haverá pouco mais de tres mezes que principiou a fallar-se n'uma notavel quebra n'esta cidade, o que assustou immediatamente os credores do sr. Prego Lira, por ser este negociante o que se dizia prestes a fallir. Com effeito, o seupassivo era demasiadamente crescido, e o que mais assustava seus credores, erão as damnadas e ferrihas verrinas do sogro d'elle, que não se enfiava, e em toda a parte apparecia gritando enfurecido, e pedindo desvergonhadamente aos credores lhe protestassem as letras—alegando que seu genro estava de todo perdido! O sr. Prego Lira, desvirtuado assim despididamente pelo furor de seu sogro em lhe estancar o seu já limitado credito, e a circumstancia do seu estado financeiro, tudo concorreu para mais o emborçar ao ponto da mais deploravel situação. Foi n'um desses tronzes de travessal afflicção que o sr. Prego Lira, n'uma noite ás 10 horas, foi á minha casa e fallou-me desta forma:—sr. Gomes, achô-me flagelado pelas iras infernaes de meu sogro, que me reduziu ao estado de não ter quem m'empresse uma libra! a qui tem uma carta que d'elle acabo de receber (era ferriha), e mais tarde d'ella m'occupare) e á manhã vende-se no Banco do Minho uma letra por mim accete no importe de 250\$000 rs., e n'este estado se vim, me não vale, ella será protestada, effectue-se a quebra e eu fico perdido! oh! empreste-me essa quantia que eu dou-lhe em pinhor as joias de minha mulher!

Fiquei tão commovido que, não tendo eu desposivel a quantia pedida, mesmo á quella hora já tarda me fui dirigir ao meu socio a fim de com elle concordar se lhe havia emprestar o dinheiro. Emprestei-lhe, emfim, os 250\$000 rs., mas não lhe accetei as joias, e unicamente me assignou um vale da referida quantia. Foi então n'esta occasião que elle me offereceu a venda d'umas medidas, que possuia; porém eu, não me quebrendo aproveitar da sua situação para um semelhante negocio, disse-lhe: Offereça-as primeiro aos caseiros que são os que melhor lhas podem pagar, depois annuncie-as, e por ultimo falle-me, que eu lhas comprarei se me fiserem conta.

Decreu-se um mez e tanto, durante o qual elle fez tudo quanto eu lhe disse e incluiu no fim de cada um dos seus pagamentos. Foi então que os srs. Araujoz lhe offerecerão por ellas 3:200\$000 rs., e só depois disto é que eu fiz a minha primeira e unica offerta de 3:300\$000 rs.

O sr. Prego Lira, consultou seu sogro sobre o que a tal respeito devia fazer, e a sua resposta foi de que:—se eu quizesse dar mais 200\$000 rs., podia fixar o contracto, mas que no caso negativo deixasse passar mais 8 dias, e que se no fim d'elles não apparecesse quem por ellas mais desse, seriam então para mim. Concordei.

No fim de 10 dias appareceu em minha caza, de manhã cedo, o sr. Prego Lira, e disse-me que, se eu inda estava pelo contracto, que seu sogro lhe tinha mandado me entregar as medidas, e que, para mais certa, eu me dirigisse á sua mulher D. Margarida. Effectivamente fui fallar com ella, e n'essa occasião ella me disse que estava d'accordo, porque seu pai assim l'ha tinha ordenado, e ao mesmo tempo me pediu-lhe pagasse uma letra de 300\$000 rs. que n'esse dia se vendia no Banco do Minho, cujo importe bem como o do vale ficava já por conta da compra; anui e paguei a letra ao Banco.

Passei, pois, a examinar os titulos e no fim de 15 dias pedi ao sr. Prego Lira e sua senhora me passassem um papel, para por elle eu poder mandar pagar as respectivas cizas. Logo da melhor boa vontade passou-se um assignado em papel sellado, o qual, na presença de duas testemunhas, foi por ambos assignado e reconhecido por um tabellião. Passou-se isto na quarta-feira 14 do corrente, e na quinta-feira tinha eu destinado mandar fazer o pagamento da ciza pertencente á Poyga do Varzim, quando me vieram dizer que os caseiros das medidas do referido concelho estavam, n'esta cidade com pertencências á compra das mesmas. Detive-me no pagamento da ciza na esperança de que o sr. Prego Lira ou os taes caseiros me viariam procurar, afimde lhas ceder; e eu, convido da posição do sr. Prego Lira, tinha firmado tenção de precindir em seu favor, do interesse que por a quella parte das medidas os caseiros possedessem dar.

Chegou-se, porém, a hora do meio dia, e eu principiei a estranhar que ninguem para tal fim me tivesse apparecido. Dirigi-me pois a casa do sr. Prego Lira, e perguntando pela exm.ª sr.ª D. Margarida, um dos caseiros me respondeu—ter ido para a quinta medir dois carros de centeio.

Principiei então a reflectonar, e se por um lado julgava incapaz esta senhora de commetter uma vileza, lembrava-me pelo

outro da hypocrita pressão, que sobre ella e seu marido exerce o turrão de seu pai e sogro, e por consequencia resolveu pagar a ciza, o que effectivamente fiz no importancia de 163:440 rs. Cheguei de volta na sexta-feira á noite e no sabbado averiguado do que se tinha passado soube que, mediante a religiosa actividade do sr. Paulo José da Costa e do revd.º sr. padre João Correia, o meu contracto estava definitivamente burlado, por isso que a escriptura de venda a outro estava prestes a assignar-se!!!

É realmente para lamentar-se que em negocios desta ordem appareça sempre um padre para offensa da sua tão nobre como respeitavel classe! E tudo isto se praticou pela insignificante quantia, ou lucro a que eu não aspirava, de 200\$000 rs.!!!

Foi por tal prego que levarão o sr. Prego Lira e sua esposa a vender o ultimo pinhor para a reabilitação do homem, qual é a firmeza de caracter, a probidade no fiel cumprimento da palavra e a fidelidade nos contractos!!!

Apesar de tudo quer-me parecer que o sr. Prego Lira e sua virtuosa senhora não seriam capazes nunca de pagar, a sua palavra, e muito mais garantida pelas suas proprias assignaturas; porém attendendo á dependencia para com seu Pai e sogro, e ao desejo insaciavel que este tem de os precipitar no abysmo, gritando-me repetidas vezes—nunca mais me põe pé dentro da porta.—o sr. Prego Lira será capaz de tudo como foi capaz de praticar o rescatado facto para commigo! O poor inimigo do sr. Prego Lira, creio, é seu proprio sogro!

Foi elle quem por uma sede deffronte levou estupidamente a sua boa filha, a quem elle chamava a mais querida, a commetter o mais aviltante procedimento, qual é o de menos presar a sua assignatura escripta pelo seu proprio pinho — facto, tanto mais repugnante por ser em offensa a quem, como eu, inda na vespera lhe tinha dito:—senhora! não soffra maiores privações e desgostos, quando algum compromisso de pagamento a opprima, desponha v. ex.ª de tudo ao meu alcance! E é este homem, bem conhecido como Turra, que vai todos os dias á missa e que o resto do tempo passa-o a estudar o modo como esmagar o seu semelhante, não poupando até a sua propria filha! Vive só para flagello da sua propria prole!...

Termino, por agora, transcrevendo o documento por o sr. Prego Lira e sua esposa assignado, e sem mais documentos, o publico que ajuize.

COPIA

Declaramos nós abaixo assignados Antonio de Brito Prego Lira, e minha mulher D. Margarida Maria da Torre Lira, em vender como por este assignado vendido temos; ao sr. Manoel Joaquim Gomes, d'esta cidade, o seguinte: (aqui descreve todas as medidas que julgo desnecessario transcrever) cujo importe de todas as referidas medidas emportão em 3:300\$000 rs., prego por que lhas temos vendido — foras e pensões que lhe serão pagas como á nós o tem sido annualmente. E para yalimento e vigor d'este nosso contracto — até que se realize a competente escriptura passamos o presente assignado, ao cumprimento do qual nos obrigamos por nossas pessoas, bens, e terços de nossas almas.

Forão testemunhas presentes o sr. Gaspar Peixoto de Magalhães, e Luiz José da Costa, ambos moradores na porta do Souro, Braga 14 de Novembro de 1866.

Antonio de Brito Prego Lira, Margarida Maria da Torre Lira, Gaspar Peixoto de Magalhães, Luiz José da Costa.

(Segue-se o reconhecimento.)

Se algum dos factos, que deixo referido, tiverem contestação, accetto a quer pela imprensa quer nos tribunaes, pois para isso os garantio com a minha propria assignatura.

Su de V. sr. redactor etc. Braga 19

Manoel Joaquim Gomes

Por estar impressa na 4.ª pagina, publicamos a este logar o seguinte annuncio.

ANNOTAÇÕES

As bosquejos historico da litteratura dasiea, grega, latina, e portugueza, do sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, por Alvaro Rodrigues de Azevedo, professor de Oratoria e Litteratura classica no lyceu Nacional do Funchal.

Estas Annotações são divididas em duas partes, cada uma das quaes será impressa, e distribuida em tomo separado. Prego de cada parte—300 reis. Os srs. assignantes da Ilha da Madeira, Lisboa, Porto, e Coimbra pagarão o importe de suas assignaturas no acto da recepção de cada uma das partes.

ANNUNCIOS DIVERSOS

AGRADECIMENTOS

Paulo Antonio Gomes da Costa, e Antonio Alves dos Santos Costa, sumamente penhorados para com todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs., que lhes fizeram a honra d'assistir aos officios de sepultura, que por alma de sua presada irmã e tia D. Thereza Angelica Gomes da Costa, tiveram logar na igreja do Populo no dia 19 do corrente, vem por este modo agradecer-lhes tão distincto obsequio. (34)

D. Maria Casimira de Moraes Pacheco, D. Anna Julia de Moraes Pacheco, e Antonio Joaquim de Moraes Pacheco, agradecem muito a todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs., que se dignaram obsequial-os por occasião do fallecimento de seu presado sobrinho José Carlos Crivas Pacheco, e a todos protestam seu indelevel reconhecimento.

Henrique Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, sumamente penhorado com os muitos e distinctos obsequios que, por occasião do fallecimento de seu muito amado irmão Maximiano Freire de Andrade, recebeu de seus amigos, residentes nesta cidade e nas freguezias proximas, ecclesiasticos e seculares do seu maior respeito e estima, e não lhe sendo possível agradecer pessoalmente, nem querendo faltar a algum, a todos pede licença para por este meio lhes protestar o seu eterno reconhecimento.

Antonio José Gonçalves Braga aproveita este meio para cordalmente agradecer a todas as pessoas que o obsequiaram assistindo aos officios de sepultura de seu pranteado irmão Manoel José Gonçalves Braga que tiveram logar no dia 22 do corrente na Igreja de S. Miguel de Soutello. Igualmente agradece a todas as pessoas que por occasião da prolongada molestia do finado o visitaram, e a todos os parentes de conforto, protestando a todos sua muita gratidão.

Na rua dos Capellistas n.º 13, ha para vender; estantes e balcão novos; vinhos do Porto engarrafados, verdadeiro Paraty, e licor francez de 1.ª qualidade. Vende-se tudo por preços commodos, a dinheiro á vista, ou a prazo, mediante garantia.

Manoel Joaquim de Carvalho, morador no largo da Sé n.º 8, offerece-se ao respeitavel publico, para envernizar em sua casa todos e quaesquer moveis, pertencentes á arte de marceneiro. O annunciante tambem vae ás casas onde o chamarem, tudo por preços commodos. (32)

ATENÇÃO

O Conego Antonio Lopes de Figueiredo leccionista, legalmente habilitado, vae abrir o curso de latim e latinidade, na sua casa do campo dos Remedios, no dia 4 do corrente mez de Novembro.

João Antonio d'Oliveira Braga, agente do Banco de Portugal n'esta cidade, previne a todas as pessoas que quiserem tomar parte nas Sociedades do seguro mutuo de Vidas, estabelecidas pela Direcção do mesmo Banco, conforme os annuncios antecedentes, que termina no dia 31 de Dezembro do corrente anno o prazo dentro do qual se devem inscrever no seguro que tem de começar no 1.º de Janeiro de 1867.

PROPRIETARIO—Augusto Valladares

Por isso quem pertender effectuar a dita inscripção póde dirigir-se ao seu escriptorio na rua do Souto n.º 40 onde se lhe prestarão os esclarecimentos de que precisar.

Braga 15 de Novembro de 1866.

(31) João Antonio d'Oliveira Braga.

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito e Orphãos d'esta Comarca de Braga e cartorio do escripto ajudante Ribeiro e a instancia de João Joaquim de Carvalho Braga, d'esta cidade, estão correndo editos de 30 dias a contar desde 16 do corrente mez em diante, pelos quaes são chamados e citados todos os credores, ou pessoas incertas, que se julgarem com algum direito, jus, acção ou hypotheca, sobre uma morada de casas, sobradadas, e campo junto, e mais pertencas, sito no logar do Arco, da freguezia de Santa Eulalia de Tendes, e que o annunciante arrematou em praça publica no inventario de menores a que se procedeu por fallecimento de Manoel da Cunha Ozorio Coutinho Rebello, morador que foi na dita freguezia, por preço e quantia de 1.600\$000 reis, e que se acham depositados na arca dos orphãos. E por isso quem se julgar com algum direito, ao producto em deposito, póde comparecer na segunda audiencia d'este juizo findos os editos, que ahí se tem d'assignar seis dias para dentro d'elles allegarem o que lhes convier com a pena de que o não fazendo serem lançados de tudo que possessem dizer e alegar, e passar as mesmas propriedades, livres e isentas para o annunciante arrematante. O que assim se faz publico a quem interessar.

O solicitador

(35) Antonio Pinto da Cunha Barboza.

Editos de 30 dias

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga e cartorio do escripto Ferreira Braga d'esta mesma correm editos de 30 dias a contar desde 16 do corrente mez em diante, a chamar e citar todas as pessoas, ou credores, incertos que tenham direito juz, acção ou hypotheca sobre a leira ou talho de cultura e bravio, na Veiga das Antas; uma leira na Veiga de Abobreira; outra leira na mesma Veiga; outra dita na mesma Veiga; e seis Oliveiras, e uma Cerdeira; tudo sito na freguezia de Crespos, e sobre o seu producto em deposito da quantia de 686\$847 rs., preço por que ad'annunciante lhe foram trespassadas por Francisco de Magalhães e José Fernandes Duarte Barboza, ambos da freguezia de Adaufe na execussão pelos mesmos promovida contra João Antonio Lopes Tinoco e mulher d'esta mesma, e por isso quem se julgar com algum direito pode comparecer na segunda audiencia d'este Juizo, e ahí lhe hão de ser assignados seis dias para dentro delles requererem e alegarem o que lhes convier, com a pena de que o não fazendo serem lançados, e se julgarem as mesmas propriedades livres e isentas de qualquer hypotheca, oujus ou encargos, a favor do annunciante ficando tudo substituido pelo producto em deposito, para cujo fim são chamados pelo presente annuncio, e editos que se acham afixados nos lugares publicos d'esta cidade.

O SOLICITADOR

(36) Antonio Pinto da Cunha Barboza.

ATENÇÃO

Tendo desaparecido da casa de um ecclesiastico d'esta cidade um volume da

vida dos Santos de Butler, e suppondo-se, que foi roubado e vendido, pede-se á pessoa, que o comprasse, o favor de o entregar no Escriptorio da Redacção d'este jornal, onde se lhe dará o dinheiro, porque o comprou, e tambem agradecerimentos pelo serviço, que faz ao interessado, que tem a obra truncada.

NOTES DE LISBOA
POR
MANOEL ROUSSADO
Vende-se na livraria de Eduardo Coelho.
Preço com retrato e papel superior... 1\$000
" " " inferior... 700

TABACOS

Deposito da companhia da fabrica dos vendedores do tabaco da Regalia.

Rua do Souto n.º 9.

Grande e variado sortimento de cigarros brandos e fortes, cigarros de Cuba em massinhos de 25 e 50.

Tabacos picados de todas as qualidades, sendo Kentuck, Hollanda, Cuba, Turco, Caporal, Principe Real, em carteirinhas de 12 e meia, 25, 50 e 100 grammas, e em latas de 100 ditas.

Rapé meio grosso, fino, Cruz de Malta meio grosso, Reserva, Simonte em botes de 100 e 250 grammas.

Charutos nacionaes de 10 e 15 rs., idem nacionaes de marca Regalia, Palmella, Rival, Lincoln, Fernandes, Opera, La Real.

Este deposito fornece a todo e qualquer estaqueiro de fóra da cidade, assim como fornece a todos desta cidade, e fará um bom desconto aos ditos estaqueiros. (29)

FÉ CATHOLICA

JORNAL RELIGIOSO

Este jornal, que conta cinco annos de existencia, publica-se em Lisboa nos dias 15 e 30 de cada mez, sob a protecção de uma commissão composta de diferentes cavalheiros e presidida pelo ex.^{mo} e rev.^{mo} monsenhor José Maria da Cunha Grã e Athaide.

Publicou-se o n.º 104 correspondente a 15 de corrente, contendo os seguintes artigos: — Commemoração — Vocabulario Democratico ou a hypocrisia revolucionaria — A leitura como elemento de educação — Revista religiosa.

Assigna-se no escriptorio do mesmo jornal, largo da rua dos Canos n.º 26 — 1.º andar — Preços das assignaturas: por anno 1\$200 rs. semestres 600 rs. Provincia (franco) anno 1,3 0. rs. semestre 660 rs.

Os snrs. da provincia, podem dirigir-se ao local acima indicado ao administrador do jornal a — Fé Catholica.

JOÃO ARCHER

COM ESCRIPTORIO DE AGENCIA COMMERCIAL

Na rua dos Ingleses n.º 36—Porto

Tracta da compra e venda do seguinte: Vinho, geropiga e agua-ardente, tanto em casco como em garrafa.

Letras de cambio e da terra.

Accões dos differentes Bancos e Companhias

Inscripções de assentamento e de coupons.

E de qualquer outra transacção commercial que queiram incumbil-o.

LIVRARIA DE EDUARDO COELHO

LARGO DO BARÃO DE S. MARTINHO.

Acabam de ser recebidas n'esta livraria, alem de muitos objectos de escriptorio, quinquilharias, vinhos finos, aguas ardentes, e genebras, as obras seguintes, entre outras muitas:

Les romans de la Table-ronde, avec les contes enciens bretons, por le Vicente Hersart de la Villemarqué, 8.º gr. (com textos originaes alem da versão franceza).

Tableau de la littérature du Nord (celtes, goths, normans, anglo-saxons, serbes, suisses, etc.), por Eichhoff, 8.º gr., (com textos originaes alem da versão franceza).

Historie de la langue et de la littérature des slaves, russes, bohemes, polonais et lettons, 8.º gr., (com textos originaes alem da versão franceza).

Etudes sur la littérature grecque moderne, et imitations en grec, de notes romans de chevalerie depuis le XII siècle ouvrage couronné, par Gidel, 8.º gr. (com notas philologicas).

Recueil des instructions officielles, rendues pour l'exécution du plan d'études et des programmes d'enseignement des lycées impériaux de France, 16.º gr.

Dissertation sur les chants héroïques des kasques, par Blaudé, 8.º gr. (com textos originaes alem da versão franceza).

Recherches sur les habitants primitifs de l'Espagne à l'aide de la langue basque, par Marraste, 8.º gr. (com notas philologicas). É traducção de Hamboldt.

Grimen, De l'origine du langage, traduction de Wegmann, 8.º gr.

Lehericher, Histoire et glossaire du normand, de l'anglais et du français, avec les étymologies, 2 vol. 8.º gr.

Benloew, De quelques caracteres du langage primitif, 8.º gr.

Principes de la chimie unitaire (nouvelle théorie des atomicités et des types), par Havrez, 1866, 8.º gr., (com tabellas synopticas).

Cours de littérature comparé, romantisme et classicisme, par Delatauche, 8.º gr.

Histoire de la littérature indienne, professée à Berlin par Weber et traduit par Sadous, 8.º gr.

Poesies de l'époque des Thang, traduites du chinois par le marquis d'Hervey-Saint-Denis, 8.º gr., (com um Estudo extenso acerca do arte poetica e metrica dos chinas).

Histoire de la littérature allemande, avec un parallèle entre la France et l'Allemagne, par Pesquier, 2 vol. 8.º gr.

Histoire de la littérature hespagnole, par Baret, 8.º gr. (desde a antiguidade atégora).

ESTUDOS

SOBRE

ESCRITURAÇÃO MERCANTIL

J. M. d'Almeida Outeiro.

Sob este titulo se publicará brevemente uma obra de muita utilidade para o commercio. Tractando da escripturação por partidas dobradas, compõe-se-ha de duas partes, uma theorica e outra pratica, assim divididas:

PRIMEIRA PARTE. — Noções de contabilidade — Descripção dos livros — Theoria de liquidación — Contas de participação.

SEGUNDA PARTE. — Applicação dos principios de escripturação — Operações tanto de commercio simples, como de sociedade, em tres livros — Memorial, Diario e Razão — com balanços e inventarios.

Termina com modelos de livros auxiliares e um formulario de documentos de escripturação.

O auctor, dando á sua obra o titulo de ESTUDOS SOBRE ESCRITURAÇÃO MERCANTIL, não teve a pretensão de apresentar um trabalho que sobre-elevasse a quantos se tem publicado; quiz unicamente compen-diar o que se estudará sobre esta importante materia, servindo-se principalmente das obras de Degrange, Deplanque e outros. Terá conque apresentar um resumo d'estes e outros notaveis auctores de modo a satisfazer os por que os Estudos Sobre a Escripuração Mercantil possessem satisfazer o leitor.

Se esta primeira tentativa fór bem succedida, publicará outro livro que será como que a continuação d'este.

A obra formará um volume em oitavo francez de mais de 300 paginas.

Preços para os assignantes. . . 800 reis.

Assigna-se na livraria de Eduardo Coelho em Braga, e nos Arcos em casa do sr. Diogo José Cerqueira Dantas.

(21)

ADMINISTRADOR—Francisco José Lopes

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS E DOMINGOS

Assigna-se, em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 24. Este jornal não póde assignar-se por menos de seis mezes. As assignaturas devem ser pagas por trimestre adiantado. Preço por semestre 2\$000: pelo correio (franco) 2\$240: por anno 3\$500; pelo correio franco 3\$980. Annuncios 20 reis por linha. Comunicados e correspondencias de interesse particular 40 rs. por linha. Folha avulso 50 rs. Os snrs. assignantes terão o abatimento de 25% no preço de todos os seus annuncios. Terão alem d'isso, por mez, um annuncio repetido, gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal, estampilhada. Escriplos que não tenham estampilha de franquia não serão recebidos. Publicações de interesse particular são pagas. Os escriplos enviados á redacção sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Typographia dos Orphãos Praça Municipal, debaixo da Arcada n.º 24 B.